

FRANCISCO JOSÉ SOARES TEIXEIRA

Pensando com Marx- uma leitura crítico-comentada de

O capital São Paulo, Editora Ensaio, 1995, 537 pp.

Mário José de Lima (professor do Departamento de Economia - Universidade Federal de Uberlândia)

O texto de Teixeira abre caminho para uma introdução à obra de Marx. Isto, no entanto, não é tudo. O autor enfrenta as questões clássicas do campo marxista e aquelas propostas pela interlocução entre este e as ciências sociais. Inscrevendo-se na trilha de autores tais como Roman Roldolsky, aponta para além da mera exegese: busca tematizar o capital, tendo por enquadramento os escritos marxianos mas, ancorado na complexidade atualizada do mundo do capital. Antes de qualquer outra apreciação, nisto reside um dos pontos fortes do livro: o esforço tem por propósito não resvalar no vazio histórico, comum a tantos outros esforços de "exegese" dos textos de Marx.

Este retomar às fontes do pensamento marxiano, aponta, principalmente, em duas direções. De um lado, recupera o debate entre Marx, Quesnay, Smith, Say, Malthus, Ricardo, entre outros, cujos termos estão postos, a cada momento, principalmente em *O capital*. O texto de Teixeira, no entanto, não se lança para trás na construção de uma arqueologia do pensamento econômico. E nisso polemiza com a visão que nega atualidade à obra marxiana.

A recuperação da trajetória do texto marxiano oportuniza a ordenação do espaço das críticas a que se submete o pensamento marxista. Neste sentido, Teixeira inaugura sua exposição, ocupando lugar no debate sobre o papel do trabalho na organização das sociedades humanas, que ganha corpo e se fortalece nos dias atuais. E o faz insistindo sobre a permanência do trabalho abstrato como "a força estruturadora e socializadora", no contexto do desenvolvimento capitalista, ou da "valorização do valor". A organização temática do livro persegue as "metamorfoses do trabalho" até a proeminência do "trabalho abstrato".

Segue, portanto, a trajetória

de Marx, principalmente em *d capital*, evoluindo das categorias mais simples até níveis menos elevados de abstração, quando examina as questões próprias das relações concorrenciais, campo do movimento dos capitais ou da "pluralidade dos capitais".

Há vantagens em enfrentar os temas pelos esclarecimentos de passagens da obra marxiana, à luz de leituras autorizadas. É o caso da questão do papel do valor de uso em Marx. Este tema alimenta a crítica que os autores da Escola da Regulação fazem a Marx na tematização que realizam sobre o desenvolvimento capitalista na busca do estatuto próprio da moeda. Os regulacionistas ocupam posição destacada entre os interlocutores necessários no debate sobre as transformações e crises recentes do mundo capitalista. Não se contentando com a mera remissão aos textos marxianos, Teixeira percorre de forma paciente (didática) o argumento, explicitando as metamorfoses que levam às "determinidades do trabalho criador de valor".

Chega, também, a bons resultados no tratamento dos temas dos salários e a tendência à pauperização, ao estabelecer um profícuo diálogo com Roman Rodolsky e Ruy Fausto. Conquanto encontre no primeiro autor o percurso da tematização sobre a teoria dos salários, construída a partir de uma leitura de *O capital* fertilizada pelos *Grundrisse*, é ao segundo a quem Teixeira deve a conclusão quanto ao método de exposição em Marx. É a partir de Fausto que conclui pela necessidade de "incorporar à análise de *O capital* sobre as tendências objetivas do sistema as tematizações elaboradas por Marx em *Salário, preço e lucro*, onde aí se incorpora a luta de classe".

Essa tendência ou recurso à tematização pela filosofia é uma das características do texto por inteiro. O ponto de partida é uma

referência à posição de Habermas no debate sobre a centralidade do trabalho e Ruy Fausto é uma presença fundamental ao longo do livro. Teixeira somente faz emergir, de forma mais evidente, a sua formação, enfrentando, no último capítulo, um tema recorrente entre economistas: a questão da transformação dos valores em preços. É sobre essa questão que se desenvolve, no campo próprio da economia, a questão do trabalho enquanto amálgama do mundo dos homens. A impossibilidade da transformação, como pretende o neoclassicismo, tomaria desnecessária a Teoria do Valor Trabalho de Marx e a sua substituição pelo análogo construído pela economia vulgar, a Teoria do Valor Utilidade.

Há pontos problemáticos a merecerem destaque, quanto aos objetivos sinalizados pelo autor nos prolegômenos. A sua contribuição como economista não o leva a estabelecer um diálogo com autores contemporâneos no campo próprio do pensamento econômico, preferindo as formalizações pela filosofia. A mera leitura dos clássicos não leva necessariamente à (re)posição da crítica. O desvendamento do caráter ideológico da economia convencional, que se propaga pela visão de mundo decorrente de variantes aparentemente neutras e pelo uso apologético de suas descobertas, se faz possível quando

atacado pelas raízes revigoradas por (re)conceituações. Assim, há uma certa frustração do esforço em realizar uma tematização ancorada na dinâmica capitalista, neste final de século, do ponto de vista do pensamento econômico. Assim como chega a um enquadramento restrito do tema da transformação situando-se no diálogo entre Mario Luiz Possas e Claudio Napoleoni.

A preponderância das formalizações pela filosofia tem o sentido de deslocar o debate da angulação proposta pela economia política contemporânea, levando Teixeira a abrir mão de um diálogo enriquecedor, no campo do pensamento econômico, com os regulacionistas e setores do (neo)keynesianismo. É marcante a relação entre Marx e a teoria moderna do crescimento para a qual contribuíram essas duas variantes do pensamento econômico.

Em sentido geral, a obra, polêmica em si mesma, é um bem-sucedido esforço no campo marcadamente complexo da interpretação do texto de Marx. A fidelidade a este se realiza, como observado no prefácio de Manfredo de Oliveira, por manter o esforço interpretativo nos limites da "matriz dialética".

OCTÁVIO BRANDÃO

Forças encadeada,

Rio de Janeiro, 1995,

Antonio Arnoni Prado (Professor do Instituto de Estudos Literários, Unicamp).

Nestas *Forças encadeadas*, volume de versos inéditos do libertário Octávio Brandão (1896-1980) que acaba de ser publicado no Rio de Janeiro, mais do que a notação pessoal de combates e batalhas nem sempre levados a bom termo, o que marca é uma espécie de relicário de ilusões que ao longo dos anos vincaram primeiro a alma e depois a obra. Nas oito seções que repartem o livro ("Poesia da terra

natal", "A poesia de Laura", "Sentimento", "Pensamento", "Hinos cósmicos", "A revolta", "Cantos revolucionários" e "Em marcha para o futuro"), a nota do lirismo afina para a revolta os acordes românticos que José Oiticica um dia destacou em epígrafe para depois lançar, não isento de amargura, à fogueira das vaidades. Talvez tivesse razão, vistas as coisas do quadrante

LIMA, Mário José de. Resenha de: TEIXEIRA, Francisco José Soares. Pensando com Marx – uma leitura crítico-comentada de O capital. São Paulo: Editora Ensaio, 1995, 537p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.165-166.

Palavras-chave: Marx; O Capital; Socialismo.